



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

O PEQUENO COMÉRCIO EM CONTEXTOS DE COMPETITIVIDADE E CRIMINALIDADE: SOCIABILIDADES RECONFIGURADAS?¹

THE SMALL TRADE IN CONTEXTS OF COMPETITIVENESS AND CRIMINALITY: RECONFIGURED SOCIABILITIES?

Lincoln da Silva Diniz

Universidade Federal de Campina Grande

Cláudio Jorge Moura de Castilho

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Neste artigo, pretende-se levantar discussões acerca dos novos comportamentos e tendências adotados por atividades ligadas ao pequeno comércio em Campina Grande-PB, a exemplo do que vem ocorrendo em bairros daquela cidade, a qual constitui importante centro urbano, comercial (atacado e varejo) e de serviços no interior do Nordeste brasileiro; sob contextos de competitividade e de criminalidade urbana, crescentes em cidades brasileiras de diferentes formas e dimensões espaciais na atualidade, reconfigurando, deste modo, sociabilidades historicamente construídas nos lugares.

Palavras-chave: pequeno comércio, competitividade, criminalidade, sociabilidade, Campina Grande.

¹ O presente artigo foi apresentado no III Seminário Internacional Cidade, Comércio e Consumo – Mutações nos Espaços Comerciais e de Serviços e o Consumo na Sociedade Contemporânea, São Paulo, 28 a 31 de maio de 2012. Trata-se ainda de parte de uma pesquisa desenvolvida pelos autores no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, no período de 2008 a 2012.

Abstract

In this article, we intend to raise discussions about the new behaviors and trends adopted by activities related to small trade in Campina Grande-PB, similar to what is happening in neighborhoods of the city, which is an important urban center, commercial (wholesale and retail) and services in inner Northeast Brazil; under contexts of competitiveness and urban criminality that currently are growing in different cities of Brazil in different shapes and spatial dimensions, reconfiguring thus sociabilities which were constructed historically in places.

Keywords: small trade, competitiveness, criminality, sociability, Campina Grande.

Competitividade e criminalidade: violência e medo ameaçando a sociabilidade

As dimensões espaciais da violência no espaço urbano e comercial, na atualidade, enquadram-se, neste estudo, em duas formas: uma representada pelas ações do crime/medo (nível local) e outra, pela lógica da competitividade econômica (nível global). Ambas as formas de violência afetam diretamente a dinâmica socioespacial das numerosas atividades comerciais fixadas em espaços residenciais da cidade, ameaçando ainda sociabilidades historicamente produzidas.

Ao apontar a competitividade como regra absoluta, perversidade sistêmica, despótica e força maior no mundo globalizado, Santos (2000) destaca que esta competitividade tornou-se a nova regra de convivência entre as pessoas sob os imperativos da produção e do consumo.

A sobrevivência de pequenas atividades econômicas periféricas – pequenos comércios locais –, neste novo contexto, está, por conseguinte, ameaçada e destinada a adaptar-se aos ditames de um mercado cada vez mais competitivo que, muitas vezes, não considera as particularidades dos lugares com suas práticas socioespaciais preexistentes. É aí onde reside o problema da sociabilidade enquanto principal elo de integração e dispersão entre as clientelas e centrais de abastecimento (grandes e pequenos mercados).

De acordo ainda com Santos (2000), a violência, sobretudo, estrutural constitui a forma mais perversa e real do nosso tempo. Esta resulta da presença e das manifestações conjuntas, na era de “globalização perversa”, do dinheiro em estado puro e da brutal competitividade social e econômica. Nesse sentido, para Moraes (1998, p.80), com base em estatísticas mundiais, “a maior parte dos crimes (e até mesmo das doenças mentais) resulta da opressão das injustiças sociais, da miséria financeira ou afetiva”.

Costa e Pimenta (2006, p.9) entendem a violência, sobretudo, como resultado da dinâmica social, pois “vai além das justificativas instintivas ou vinculadas ao biológico, [...]”, bem como “das dimensões da criminalidade, do revólver, do sangue, da faca, do corpo e da morte”. Quanto à complexidade da dinâmica social, Souza (2008, p.182), ao observar a realidade das cidades indianas – onde a pobreza absoluta é maior –, destaca que os índices de criminalidade violenta naquele país são menores do que das cidades brasileiras. Deste modo, percebe-se que os aspectos culturais exercem também influência no modo de vida das populações em variados contextos.

Caldeira (2008), ao analisar a dimensão e os efeitos da criminalidade na cidade de São Paulo, embora tenha apontado a desigualdade social materializada através do uso generalizado de grades de proteção como elemento segregador, acredita que não se pode explicar a violência apenas pelas variáveis socioeconômicas e de urbanização; mas deve-se, também, levar em consideração uma combinação de fatores socioculturais.

A criminalidade presente em diferentes espaços da cidade engendrada pela desigual e excludente estrutura social e econômica dominante torna-se, deste modo, mais evidente a partir dos novos comportamentos dos grupos sociais menos favorecidos, especialmente entre os pequenos comerciantes, para os quais a questão da sobrevivência ainda representa uma condição essencial.

A dinâmica socioespacial deste setor comercial urbano – pequeno comércio –, em suas diversas especialidades, suscita, no período atual, novas discussões teóricas e conceituais, quanto a sua função social e econômica (sociabilidade e consumo), especialmente, em cidades povoadas por sociedades e economias densamente desiguais, como a brasileira. Segundo Souza (2008, p.33), testemunha-se, especialmente, nas grandes e médias cidades brasileiras, o transbordamento do tema da (in) segurança pública, acarretando inúmeros problemas socioeconômicos, como grandes despesas econômicas para os governos, famílias e empresas. Destaca ainda o mesmo autor que a questão do crime no Brasil² “rende boas manchetes”, com ampla audiência dos meios de comunicação, como também “rende bons negócios”, a exemplo dos carros de passeio blindados, do uso de armas, dos condomínios exclusivos, dos serviços de firmas de segurança particular etc. (SOUZA, 2008, p.30).

O fenômeno da violência nas cidades atuais e o crescente sentimento de medo entre os seus habitantes são indicados como fatores significativos de uma transformação radical do espaço urbano. Ao enfraquecimento das defesas tradicionais do sistema, como os valores de solidariedade e os laços comunitários, já relativizados pelas sociabilidades individualistas contemporâneas, correspondem mudanças bruscas que acompanham as novas tendências de um mercado cada vez mais individualizado e seletivo (PEDRAZZINI, 2006, p.99-100).

Conforme Bauman (2001, p.36), o que mais distingue a sociedade moderna atual em relação a todas as outras formas históricas de convívio humano, é o fato de aquela apresentar uma intensa e compulsiva tendência de desfazer, destruir tudo em nome da maior capacidade de fazer um novo futuro, em função da produtividade e da competitividade. Para o autor (2009, p.21), “quando a solidariedade é substituída

² Segundo Caldeira (2008, p.196), “a história da segurança privada no Brasil começa de uma forma peculiar: como produto do Estado Militar. Um mês depois da promulgação da Lei de Segurança Nacional em 1969, o Decreto Federal 1.034 (21 de outubro de 1969)”, estabelecendo que os serviços de segurança privada fossem obrigatórios para instituições financeiras, especialmente os bancos. Mas, atualmente percebe-se um grande crescimento deste serviço, tornando-o, portanto, o seu uso obrigatório em praticamente todas as esferas e setores da sociedade e da economia.

pela competição³, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entre os seus próprios recursos". Tal quadro de corrosão e de dissolução dos laços comunitários, das relações de vizinhanças, acompanha a sociedade moderna atual, gerando inseguranças e alterando as rotinas urbanas.

Na esfera da sociabilidade, envolvendo as mais diversas formas de socialização humana, interação e convívio social⁴, levantam-se novos "utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, dos imediatismos, do egoísmo, do abandono da solidariedade", com a implantação de uma ética pragmática individualista (SANTOS, 2000, p.54). Dessa forma, a sociedade e os indivíduos abandonam as relações solidárias, típicas de cada lugar, com a entronização do reino do cálculo econômico, da competitividade e da violência exacerbada (criminalidade), fato constatado de forma mais concentrada, especialmente, nos espaços urbanos.

A violência, em suas diversas formas – social, política e econômica desigual –, constitui outro fator que induz constantes mudanças estruturais nas atividades comerciais, implicando, ao mesmo tempo, em adaptações e exclusões. Isto ocorre em função dos crescentes custos adicionais com sistemas de segurança, embora muitos pequenos estabelecimentos comerciais não consigam implantar tais mecanismos. A realidade cotidiana destes estabelecimentos, portanto, encontra-se tolhida entre pressões sociais e econômicas de grupos que se utilizam do crime para atenderem às suas intencionalidades. Nesse contexto conflituoso e desfavorável à sociabilidade, torna-se pertinente e imprescindível analisar os efeitos e as formas comerciais resultantes das ações que se tornaram frequentes em inúmeros espaços da cidade.

³ Percebe-se que, para o autor, o sentido do termo "competição" é o mesmo que M. Santos dá ao de "competitividade". O fato é que aquele autor não os distinguiu como o fez o segundo.

⁴ Explica Frúgoli Júnior (2007, p.23) que, "ao longo do século XX, o conceito de sociabilidade passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas, como relações cotidianas ou familiares, costumes, festas e rituais, encontros etc."

A instalação de grades de ferro dentre outros equipamentos de segurança, como uma forma de autoproteção dos pequenos estabelecimentos comerciais; a restrição nas vendas; o pouco contato personalizado com a clientela, entre outras ações verificadas *in loco*, revela uma problemática que se tornou constante no âmbito da realidade dos pequenos comerciantes dos bairros residenciais das cidades brasileiras⁵. Frisa Souza (2008) que a situação atual de constrangimentos gerados pelos aparatos de segurança nas cidades, em função do aumento constante da violência (assaltos, homicídios, delitos diversos), constitui, sobretudo, em uma “ameaça à liberdade e à espontaneidade, ao exercício da autonomia” (SOUZA, 2008, p.86).

Diante desta situação imposta pela lógica capitalista atual, as atividades comerciais menores enfrentam novos desafios para poder desenvolver as suas atividades. Mas, para continuar exercendo esta condição no circuito comercial atual, faz-se necessário agregar tendências específicas do consumo moderno, adequando-se aos moldes de um mercado cada vez mais expansivo e competitivo. Sobre esse fato, completa Pintaudi (2008, p.124-125) que: “Uma forma comercial, para durar, tem de ter capacidade de resistência, precisa ter um sentido, criar raízes, mas para isso ela tem de ser atualizada para dialogar com as formas emergentes”.

Para Mayol (2008, p.118), as grandes reformas do consumo moderno “varreram”, em muitos bairros, diversos tipos de pequenos comércios, “[...] que não souberam adaptar-se às novas exigências” mercadológicas da atualidade. Embora os tradicionais mercados de bairro tenham sofrido com as novas ordens econômicas do capital competitivo, segundo ainda Mayol (2008, p.158), este setor representa, sobretudo, “[...] um importante ponto de referência sociológica para a compreensão

⁵ Segundo os dados de uma pesquisa, intitulada: “Percepção sobre pobreza: causas e soluções”, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA –, com 3.796 pessoas, no período de 8 a 29 de agosto de 2011, em vários municípios brasileiros, de diferentes regiões, o principal problema social apontado, na percepção dos entrevistados, foi a violência/insegurança, compreendendo 23%, seguido pela saúde (22,3%), corrupção (13,7%) e desemprego (12,4%). A educação ficou com apenas 8% e a pobreza/fome foi mencionada por 6,1% dos entrevistados (IPEA, 2011).

das relações humanas no interior da prática do bairro”. Continua o mesmo autor, dizendo que: “Nenhuma cidade, nenhum povoado pode prescindir dele” – do pequeno comércio –, pois “[...] ao mesmo tempo que é um lugar de comércio, é um lugar de festa” (MAYOL, 2008, p.158), de convívios diversos, sendo a figura do pequeno comerciante, nestes lugares, ainda valorizada por muitos grupos sociais, mesmo em contextos mais violentos, competitivos.

Contudo, as sociabilidades ficam susceptíveis às alterações geradas, em função das instabilidades do seu próprio meio social, político e econômico que reproduz, em diversos níveis, as tendências/realidades violentas de um mercado que se adéqua às formas seletivas de contatos cada vez mais impessoais. É o que ocorre, também, com a organização do pequeno comércio e dos pequenos prestadores de serviços na cidade.

Os pequenos comércios dos bairros da cidade de Campina Grande: violência, insegurança e sociabilidade

O pequeno comércio constitui um objeto comercial que sempre contribuiu, significativamente, na (re) produção socioespacial dos lugares. Embora se apresente como um comércio de dimensões, humildemente reduzidas, sem grande expressão no quadro das atividades, amplamente desenvolvidas, atualmente em muitos centros regionais, como Campina Grande⁶ no estado da Paraíba, reconhece-se, contudo, o grandioso papel exercido por este setor da economia urbana no espaço regional. Constituem, também, objetos co-definidores de diversas localidades deste espaço, que ao longo dos séculos agregou profundas transformações.

Ao observar as paisagens urbanas, especialmente nas áreas mais residenciais das cidades brasileiras na atualidade, percebe-se uma cultura cada vez mais impregnada de violência e medo. Os símbolos do medo – grades numerosas, cercas

⁶ Campina Grande possui uma população de 385.276 habitantes (IBGE, 2010).

elétricas, automóveis com vidros escuros, etc. – “enfeitam” a cidade. Nas áreas residenciais e em qualquer parte do espaço urbano, estes acessórios tornaram-se indispensáveis à manutenção de um novo estilo de vida moldado pela insegurança.

A insegurança espacializada, ao mesmo tempo em formas visíveis e invisíveis de adaptação e sociabilização (gradeamentos, câmeras e sensores), é cada vez mais comum entre os pequenos comerciantes localizados em bairros da cidade de Campina Grande; muito embora a presença dessas formas não atenuem as ações rotineiras da criminalidade, mas acentuam-nas, sinalizando os espaços mais inseguros na cidade⁷.

Nesse sentido, aponta Bauman (2009, p.63) que “[...] a arquitetura do medo e da intimidação espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-a sem cessar – embora furtivamente – em áreas extremamente vigiadas, dia e noite”. A iniciativa de manter atividades econômicas em espaços cada vez mais violentos representa, na atualidade, mais uma forma de sobrevivência que define, também, as atividades dos pequenos comerciantes localizados nas zonas urbanas.

Nas áreas residenciais da cidade de Campina Grande, onde a incidência e a diversidade de pequenas atividades comerciais são numerosas, a adoção de instrumentos de segurança, como as grades de ferro, perfaz uma nova necessidade entre os pequenos comerciantes que tentam sobreviver num espaço repleto de insegurança e incertezas⁸. O que ocorre uma vez que os pequenos e constantes

⁷ De acordo com os dados do mapa da violência dos municípios brasileiros (WAISELFISZ, 2008; 2011), o município paraibano Campina Grande, vem apresentando, um crescimento contínuo de incidências criminosas, sobretudo, homicídios. Entre 2002 a 2010, esta cidade cresceu no ranking dos municípios mais violentos do país, saindo da posição 340ª para 180ª. Até 2006, esse município apresentava uma taxa de 36.2 de homicídio por 100 mil habitantes, mas em 2010 esses números sobem para 48.4. O estado da Paraíba, que em seu histórico criminalístico sempre apareceu, até 2000, entre os estados brasileiros com menores índices, entre 10 a 15 homicídios para um grupo de 100 mil habitantes, ocupando a posição de 20ª lugar, ingressou, nesta última década, num novo patamar de violência que o levou, em 2010, a figurar entre os seis estados mais violentos do país, com um índice de 38.6 de homicídios para um grupo de 100 mil habitantes, sendo, ainda superior à média nacional em 2010, que foi de 26.2. (WAISELFISZ, 2011).

⁸ A cultura do medo nas cidades brasileiras, gerada pelo intenso crescimento da violência nestes espaços, é constatada e noticiada frequentemente pelos diversos meios de comunicação. Os bairros

movimentos registrados nos estabelecimentos comerciais do lugar onde atuam são também visados por agentes criminosos na cidade, pois reconhecem que estes “micro-investimentos” correspondem a um dos setores mais dinâmicos e expressivos da economia urbana das cidades brasileiras.

O pequeno comércio fixo nos bairros da cidade de Campina Grande⁹, representado em variadas formas de estabelecimentos (mercearias, mercadinhos, padarias, açougues, farmácias, lojas de material de construção, lojas de artigos variados etc.), compreende uma atividade corriqueira e sociável entre as populações urbanas, sobretudo, entre as populações de baixo nível de renda. Este setor, definido como uma das esferas da “economia popular” no meio urbano visa, sobretudo, nas palavras de Monte-Mór (2008, p.132), “[...] enfatizar o caráter solidário de uma economia comprometida para além da competição e acumulação [...]”.

A “necessidade de segurança” imposta aos pequenos comércios, fixados em muitos bairros da cidade, tem apenas progredido com o aumento contínuo de ações criminosas no lugar, como assaltos, furtos e, em alguns casos, seguidos por homicídios. De maneira forçosa, estas ações têm re-configurado tanto os aspectos físicos dos estabelecimentos, com a aplicação de grades de ferro entre outras formas de proteção, como também as relações com as suas clientelas. Acredita-se que esta situação agrava-se com a ausência de ações/políticas eficazes dos órgãos públicos. A inexistência destas ações, portanto, fragiliza as suas atividades econômicas, comprometendo a sua permanência funcional.

A violência, a insegurança e os constrangimentos fazem parte, portanto, do novo cotidiano destes pequenos comerciantes, os quais perderam a confiabilidade e tranquilidade no que concerne ao trabalhar e morar nestes espaços. O profundo sentimento de insegurança é refletido de forma direta nas grades e portões de ferro

da cidade de Campina Grande, por sua vez, em função da intensidade destas ocorrências, são cada vez mais, amplamente noticiados pela imprensa local.

⁹De acordo com dados da Secretaria de Planejamento do Município de Campina Grande, este possui atualmente 50 bairros.

expostos nas partes externas e/ou internas dos estabelecimentos comerciais locais, sendo, portanto, estas formas, facilmente apreendidas na paisagem por qualquer indivíduo, conforme revelam as imagens.



FIGURA 1: Grades de ferro instaladas na parte interna e externa de pequenos comércios fixados em bairros da cidade de Campina Grande. Fonte: DINIZ, 2012.

Os pequenos comerciantes e os seus clientes, também, na condição de moradores destes espaços menos favorecidos da cidade, sofrem diretamente com os efeitos das ações rotineiras do crime. E, ao mesmo tempo, da ação competitiva das grandes redes de comércio varejista, que se instalam nestes espaços residenciais da cidade, habitados, predominantemente, por populações de baixa renda, sobressaltando os tradicionais comércios locais – mercearias, quitandas, pequenos açougues, padarias, farmácias etc.

Quanto ainda ao aspecto do consumo e da sociabilidade, especialmente, entre a clientela e os pequenos comerciantes fixados nos espaços comerciais dos bairros da cidade de Campina Grande, percebe-se uma nova dinâmica produzida em função da violência (criminalidade) e da competitividade, presente em todos os recantos deste espaço. As estratégias mercadológicas dos grandes espaços comerciais, que tentam se utilizar de diversos artifícios, aplicando sistemas caros e sofisticados para inibir a prática do roubo e controlar os passos dos transeuntes que circulam,

cotidianamente, nestes espaços monitorados por sentinelas eletrônicos, revela uma nova tendência que é reproduzida por diversas casas comerciais pequenas, que também selecionam o tipo de "clientela ideal" para os seus estabelecimentos, tratando de forma diferenciada aqueles clientes "desconhecidos", geralmente não moradores do lugar.

O controle espacial é assim realizado sob formas cada vez mais racionais, também, entre os pequenos comércios, situados nos espaços urbanos em que a preferência excessiva por um público, com capacidade creditícia, vem condicionando e transformando as relações sociáveis em meras transações mercadológicas. O que vem inibindo, por outro lado, parcelas significativas da população.

Desse modo, as sociabilidades, em todos os lugares da cidade, são reconfiguradas na medida em que a intensa utilização de sistemas e formas de segurança em espaços comerciais, especialmente, em pequenos comércios fixados em bairros da cidade de Campina Grande, gera novos comportamentos entre a clientela, notadamente, a clientela de baixas rendas que, sobretudo, em função de suas próprias condições econômicas e culturais, sentem-se, em muitos casos, constrangidas e impedidas de usufruírem dos ambientes de consumo moderno.

Daí, portanto, a relevância da conservação das diversas formas de sociabilidades historicamente criadas pelos próprios moradores dos bairros populares da cidade, na medida em que estas formas garantem relações sociais e comerciais mais próximas e acessíveis às realidades socioculturais e econômicas dos habitantes do lugar, seus fregueses.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ªed. São Paulo: Edusp, 2008.

COSTA, Maria Regina da; PIMENTA, Carlos Alberto. *A violência: natural ou sociocultural?* São Paulo: Paulus, 2006.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DINIZ, Lincoln da Silva. *O pequeno comércio em contexto de violência na cidade de Campina Grande-PB*. 2012, Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal de Pernambuco – PPGeo/CFCH/UFPE, Recife.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

IPEA. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/>

[portal/index.php?option=com_content&view=article&id=12736&Itemid=75](http://portal.index.php?option=com_content&view=article&id=12736&Itemid=75) Acesso em: 22 de dezembro de 2011.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. 8ªed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.35-185.

MORAIS, Regis de. *O que é violência urbana*. 13ªed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Urbanização extensiva e economia dos setores populares. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; COELHO, Maria Célia Nunes; CORRÊA, Aureanice de Mello (orgs.). *O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas (II)*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ/ANPEGE, 2008. p.128-140.

PEDRAZZINI, Yves. *A violência das cidades*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PINTAUDI, Silvana Maria. O consumo do espaço de consumo. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; COELHO, Maria Célia Nunes; CORRÊA, Aureanice de Mello (orgs.). *O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas (II)*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ/ ANPEGE, 2008. p.121-127.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da violência dos municípios brasileiros*. Brasília: MJ/MS/RITLA/Instituto Sangari, 2008. Disponível em: http://www.sangari.com/view.cfm?cod=42&cod_pub=8&t=2&ext=.pdf&pag=publicacoessangari Acesso em 17 de dezembro de 2011.

_____. *Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011. Disponível em: http://www.sangari.com/mapadaviolencia/_pdf2012/mapa2012_web.pdf Acesso em 17 de dezembro de 2011.

Autores

Lincoln da Silva Diniz

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Professor da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande.

lincoln.ufcg@gmail.com

Cláudio Jorge Moura de Castilho

Doutor em Geografia Ordenamento Territorial Urbanismo pela Université de Paris III (Sorbonne-

Nouvelle) e Pós-Doutor pela Università Ca' Foscari di Venezia.

Professor do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: cjmc@ufpe.br

Recebido em 05 de novembro de 2014

Aprovado em 12 de dezembro de 2014